



GT 21. Buscando a vida em paisagens incertas

Coordenador(es):

Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 1

Debatedor/a: Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Rodrigo Charafeddine Bulamah (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 3

Debatedor/a: Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nos últimos anos, a antropologia tem se engajado em uma crítica etnográfica ao conceito de vida, questionando binarismos que opõem vidas biológicas e vidas biográficas, naturais e sociais, os universos da vida e da morte, das vidas humanas e mais-que-humanas. Esses questionamentos ganham urgência diante de processos contemporâneos como a dessalarização do trabalho, a precarização do emprego, a carestia, as crises ambientais, o deslocamento de populações, colocando em jogo os conceitos de sobrevivência e de vida plena, de sorte, destino e força que informam as diferentes formas de se virar na vida. Interessa-nos enriquecer essa crítica de forma comparativa, aproximando contextos globais nos quais pessoas e coletivos buscam suas vidas (se viram, hacen sus vidas, make their living, chache lavi) em quadros de agudas mudanças que embaralham dimensões políticas, econômicas e ambientais. Buscamos assim revisar o próprio conceito de incerteza, retomando questões clássicas como as relações entre estrutura e conjuntura ou entre ordinário e extraordinário. Inspirados pelo tema do congresso, pensando não só saberes, mas também práticas insubmissas, convidamos a refletir de que forma as paisagens incertas envolvem perturbações nas perspectivas temporais, enquanto estados passageiros ou permanentes, compondo espaços de experiência ou horizontes de expectativas, interagindo com as relações entre gerações, mobilizando metáforas e analogias ou produzindo novos conceitos e formas associativas.

Genealogia e contracolonialidade: estudos sobre biopolítica e as políticas fundiárias voltadas para comunidades tradicionais no sudeste do Piauí.

Autoria: Bernardo Curvelano Freire (UNIVASF - Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco)

A caatinga carrega consigo as marcas da incerteza. Nunca se sabe se o inverno trará chuva, se a chuva será suficiente, se ela cairá no momento certo e mesmo se choverá nas cidades ou se a graça escolherá o interior, povoado por roças. As mudanças nos regimes de estiagem, que atingiram marcas inéditas entre os anos de 2006 e 2016, no entanto, não são as únicas marcas da incerteza que atingem as comunidades rurais no sudeste do Piauí, sejam elas quilombolas ou não. As políticas fundiárias e prática correlatas, como as políticas de acesso a crédito rural, de transporte coletivo e do ensino público, que mudam profundamente a cada nova gestão municipal, ao sabor da disputa entre grupos políticos, vem produzindo novas fissuras na relação com o futuro na medida em que grandes empreendimentos de mineração e de energia eólica/solar consolidam sua atuação na região, alterando a correlação de forças na elaboração de políticas públicas para o interior. Ironicamente, a consolidação da atuação na região coincide com os últimos anos a pior estiagem registrada na região até o momento. Com isso em vista, a presente comunicação busca apresentar reflexões a partir de pesquisas de campo desenvolvidas em um projeto de extensão, o Fórum Permanente de Cartografia



Quilombola, que registra o momento em que novas políticas de Estado - de interesse estratégico do atual governo piauiense -, começam a se fazer presentes na região, produzindo novas formas de incerteza ambiental, jurídica e econômica, criando uma cadeia de impactos e formalizando novas formas de urgência e desespero com relação à terra e à vida. Com base em works de cartografia do conflito realizados principalmente no território do Quilombo Lagoas (119 comunidades em mais de 62 ha), mas refletindo uma rede constituinte de territórios tradicionais do sudeste do Piauí (semiárido piauiense), a presente comunicação busca amparo em alguns procedimentos genealógicos para reconstituir as linhas de força preponderantes da produção de políticas fundiárias no Piauí e a busca de fazer da atual lei fundiária do estado em uma forma de planificação da vida produzida a partir de um centro irradiador de poder. Ao mesmo tempo, tendo como base as reflexões de Antonio Bispo dos Santos (2019), nosso vizinho de São João do Piauí, busco compreender como o debate sobre a contracoloniade, uma proposição criada no seio das tensões locais, oferece uma perspectiva fértil de compreender as políticas da vida a partir de práticas coletivas de biointeração, uma forma de compreender o território como uma prática de hospitalidade ao invés de uma peça no planejamento econômico. Desta forma, se faz possível apresentar uma espécie de introdução às políticas da vida no semiárido piauiense a partir dos conflitos imanentes à sua condição local.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: